A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha, Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Completa hoje dois annos de existencia a *Illustração Portugueza*, esta creança alegre e sympathica, que tu affagas uma vez por semana, leitora amiga, com o teu olhar acariciador, com os teus bons sorrisos perfumados e doces.

Dois annos... sete centos e trinta dias...

A' primeira vista, parece que tem vivido pouco. Quasi tanto tempo vivem as rosas, e são mais franzinas do que ella, de compleição mais debil e delicada, por natureza muito mais sensiveis á acção das tormentas e dos vendavaes. Mas, se attentarmos bem na existencia ephemera do nosso jor-

PRINCIPE VICTOR

nalismo, se repararmos nos algarismos que a estatistica mortuaria das folhas periodicas nos apresenta de quando em quando, veremos então que este semanario, que esta creança, que este *baby* é, relativamente, um velho.

A *Illustração Portugueza* tem visto morrer em volta de si, ceifadas pela anemia e pelo desalento, hoje uma, amanhã outra, depois outra ainda, publicações da mesma indole, que abriram os olhos á luz em berços de oiro, que vieram a este valle de lagrimas entre canticos festivos e *urrahs* enthusiasticos.

Algumas d'ellas tinham até nascido expressamente para a matar, de morte affrontosa, e fôram-se, coitadas, cuspindo-lhe rancores na hora extrema. Uma fada amiga havia-lhes vaticinado largos annos de existencia feliz, sem preoccupações amargas, nem difficuldades de qualquer genero. Mas o vaticinio mentio; as flores promettidas solemnemente pelos oraculos bemfazejos, converteram-se em espinhos, e esses espinhos, hervados como azagaias africanas, deram com ellas na paz eterna do tumulo.

A *Illustração*, sempre limpa d'odios e malquerenças, que se não coadunam com o seu modo de ser, rezou-lhes um responso por alma. Não chorou, porque o reconhecimento e a saudade não eram de tanta monta que provocassem lagrimas como punhos; não lhes fez o necrologio, porque é genero de litteratura que detesta; mas o responso, esse, foi todo inteiro, em latim castiço, como requeria a solemnidade do acto.

Recitada a oração dos mortos, dispensadas as ultimas honras funebres ás collegas defuntas, continuou a seguir muito despreoccupadamente o seu caminho, ella, que nascera sem experimentar as caricias amorosas do reclamo nacional, ella, a misera, que não ouvira nunca segredarem-lhe harmoniosamente, sobre o berço modesto, os vaticinios animadores d'um futuro dilatado e prospero.

Afinal, chegou aos dois annos, atravessou, de cabeça levantada, duas primaveras, e vae ainda em busca de terceira, de muitas, com a consciencia em plena tranquillidade, com o espirito completamente desaffrontado de receios e de duvidas.

Na vida realmente curta mas comparativamente já larguissima d'este semanario, entram, por certo, como factor de grande valia, as boas graças do publico. Não as negaremos nunca, porque se evidenciaram logo, desde o primeiro momento, em favores excepcionaes e dedicações espontaneas. Todavia, permitta-se á *Illustração Portugueza* a immodestia de confessar que uma grande parte do successo por ella alcançado é devida a si propria, ao religiosissimo escrupulo com que tem sabido cumprir o seu programma inicial, á rigorosa e inquebrantavel honestidade de palavra que sempre manteve, sem trepidar diante dos mais esmagadores sacrificios.

Lá o disse Gœthe: — «Só os tolos são modestos» — *Nur die lumpen sind bescheindem*; — e a *Illustração*, que se não considera tola, pode muito bem permittir-se a pequenina immodestia de entretecer para si mesma este florido encomio, sem temor de que algum pessimista recalcitrante venha desmentil-a.

Porque, no fim de contas, a creança de dois annos, podendo ser irrequieta e voluvel como tantas outras da mesma indole, e mais do que voluvel, enganadora, soube ter seriedade e tino para não se esquivar nunca ao exacto cumprimento d'uma só promessa feita.

Acenou ás suas gentilissimas leitoras com a prosa brilhante dos nossos primeiros estylistas, e deu-lhes artigos de Pinheiro Chagas, Luiz Palmeirim, Bulhão Pato, Benalcanfor. Prometteu contos modernos, cheios de graciosidade, e apresentou-lhes Julio Machado, Alberto Pimentel, Gervasio Lobato, Barros Lobo. Inscreveu, no rol dos seus collaboradores poetas, os nomes de Fernando Caldeira, Francisco Palha, Thomaz Ribeiro, visconde de Monsaraz, e servio deliciosos versos de todos elles, e fez crescer a ala selecta d'aquelles vates, juntando-lhe Joaquim Lima, Joaquim de Araujo, Alvaro de Castellões, Eça d'Almeida, Coelho de Carvalho, Augusto de Lacerda, Antonio Feijó, a mocidade em flôr, a geração nova exhuberante de talento e de alegrias.

Se ella até teve artes de dar, em primeira mão, versos de Camillo, do grande Camillo, que passa metade da vida a escrever só prosa encantadora, e a outra metade a cuidar do seu organismo enfermo no retiro de S. Miguel de Seyde!

Não deitamos foguetes nem pomos luminarias na frontaria do predio, para festejar o anniversario da filha dilecta e bem amada. Todavia, consinta-se-nos, paes desvanecidos e amantissimos, que lhe consagremos hoje estas phrases amigas, no logar de honra onde o seu chronista costuma palestrar alegremente com a leitora.

Se nós queremos-lhe tanto!

A Redacção.

CANTARES

I

Os campos offerecem flores,
o mar offerta coraes,
a minha alma tem amores,
os meus amores dão ais.

II

As nuvens no ceu se tingem
n'um arco de sete côres,
são sete as dores da Virgem,
são setenta as minhas dores..

III

Voando, o passaro cança
e volta ao ninho dos paes;
tambem vôa a minha esp'rança
mas essa não volta mais.

IV

Todos gozam um bocado
de prazer e de ventura;
só eu nasci agarrado
á pedra da sepultura.

V

Assim como tudo passa
no ceu, na terra, no mar,
assim a minha desgraça
tenho fé que hade acabar

VI

No mar d'esta vida ignota
Cancei o meu coração,
mas é tão longa a derrota
que não salvo a embarcação

VII

Eu levo as horas contadas
e já não sei quando veja
sairmos os dois da igreja
com as mãos entrelaçadas.

VIII

A folha da larangeira
tem perfume e tem sabor,
não é branca nem trigueira
assim é o meu amor

IX

Eu amei e fui amado,
amei sem saber a quem;
hoje estou desenganado,
não torno a amar mais ninguem.

Camqo Grande—1886.

Germano Vendrell.

A Allemanha em 1886

Occupa um logar tão importante no conselho das nações o immenso imperio fundado pelo principe de Bismarck, é por tal forma indispensavel conhecerem-se as tendencias, a organisação, as forças e as fraquezas d'esse colosso que ha de pesar por muito tempo enormemente nos destinos da Europa, que entendemos dever communicar aos nossos leitores as impressões que nos causou a leitura de um livro, que acaba de sair dos prélos francezes, e que se intitula a *Allemanha tal como é*, assignada pelo pseudonymo de Jacques Saint-Cére.

Deve sempre desconfiar-se de um livro francez a respeito da Allemanha, mas este realmente apresenta um caracteristico de sinceridade e de seriedade de que não podemos duvidar. E' evidentemente um livro de boa fé. Sem duvida sentem-se os resentimentos francezes no estylo do livro, mas os factos provam que as suas apreciações são em geral perfeitamente justas.

O livro póde-se dizer que se resume na seguinte observação: «A Allemanha é uma immensa caserna; o Allemão é um simples soldado. Devemos esquecer o Allemão virtuoso, sabio e trabalhador; é tão pouco exacto como é pouco exacto o Allemão ladrão de relogios, tolo e salteador. O Allemão de 1886 só vê o dever de patriota, só tem respeito pela hierarchia, eis as duas pedras fundamentaes em que assenta o colossal edificio elevado pelo principe de Bismarck.»

A disciplina effectivamente, a disciplina na vida social, a disciplina na vida militar, a disciplina no trabalho scientifico é o caracteristico da Allemanha.

Comtudo em torno d'este mundo perfeitamente organisado e solidamente constituido, em que está cada coisa no seu logar como as peças de uma machina, volteia o grande exercito da anarchia e da desordem que augmenta a cada instante, porque não ha meio de se fazer entrar dentro dos quadros d'aquelle exercito, por mais vastos que sejam, toda a multidão germanica Era assim tambem que no imperio romano, emtorno da legião acampada na fronteira, volteava o barbaro, e um dia chegou em que de nada valeu a disciplina legionaria contra a furia das hordas terrentuosas e famintas, e então acontecerá o que Henrique Heine prophetisou: virá a revolução allemã, junto da qual todos os horrores da revolução franceza serão apenes um idyllio.

Diz Saint-Cére que em 1871 havia em Berlim 2058 eleitores socialistas, hoje ha 62:579. E tende a augmentar n'uma progressão assustadora.

Para se poder apreciar o que é este interessantissimo livro, damos os retratos do imperador e do principe de Bismark; desenhados pelo lapis firme e original de Saint-Cére. Comecemos pelo do imperador:

«Uma intelligencia mediocre, que teve o juizo de se conservar no seu logar, um honradissimo homem que soube substituir os predicados ausentes e disfarçar os defeitos presentes debaixo de uma formidavel tenacidade de que se serve, agora que a idade lhe inhibe o occupar-se de negocios politicos e militares, para não querer morrer.

Afferrando-se á vida, está sempre, tanto quanto pode, em movimento, toma injecções de morphina para poder ir ao theatro, e faz inhalações de ozone para não adormecer durante as audiencias que dá. Acredita primeiro em Deus, depois na missão divina que recebeu; foi collocado de sentinella no throno da Allemanha, e alli está, e alli quer estar o mais tempo que poder, e considera como fazendo parte do seu quarto de sentinella os seus deveres de côrte e os seus deveres de soldado. E', aos seus olhos, o primeiro empregado do seu imperio, a primeira sentinella do seu exercito. Sempre de uniforme, prompto sempre.

Quando fôr rendido o cabo da guarda lá de cima, ha-de ser com toda a seriedade e com toda a convicção que ha-de transmittir ao seu successor a senha: *Por Deus e pela patria*. Não é um hypocrita, é um crente.

E' soldado, não vive senão para o exercito, que adora e que o adora, mas, não tendo faltado nunca aos seus deveres militares, é implacavel em tudo o que diz respeito á disciplina. Tudo lhe deve obedecer tanto seu filho como o ultimo dos recrutas; quer que lhe prestem na mais pequena aldeia da Pomerania as mesmas honras que em Berlim, debaixo das Tilias, mas tem pelo simples soldado a mesma sympathia que pelo feld-marechal. Trata-os da mesma forma; são inferiores. No serviço é brusco, mas depois amima-os o mais que pode.»

Vejâmos agora o retrato do chanceller de ferro, do principe de Bismark:

«Um gigante no physico e no moral, tendo todas as virtudes e todos os defeitos da raça-teimoso, arrebatado, fanfarrão e corajoso, fiel ao rei, cumprindo as ordens, casto, bebedor, não admittindo resistencia alguma, quebrando os obstaculos que encontra no seu caminho, não cedendo nunca, atravessando as paredes, com risco grave de partir a cabeça na operação! Quem o vê com o seu uniforme que nunca larga, com os seus olhos de cão de fila que lhe saltam da cabeça enorme, julga encontrar um cavalleiro da ordem Teutonica, e é realmente isso que elle é. Os seus ante-passados, nas marcas de Brandeburgo, rachavam os pagãos de meio a meio com formidaveis cutiladas, e elle o que racha são com uma boa lei os Allemães que não acreditam na sua politica e com os balasios Krupp os estrangeiros.

E' acima de tudo allemão e realista, não acredita no progresso, só acredita na força.

Ama a sua patria, quiz fazer grande a Allemanha e fêl-a; acreditou n'ella quando ninguem acreditava, nem podia acreditar. Nunca variou nas suas idéas, foi sempre direito ao seu fim a que visára-a resurreição do imperio da Allemanha.

E' um inimigo implacavel, mas é um inimigo que combate de rosto descoberto. Não esconde mesmo os sentimentos que o animam, a sua franqueza brutal é a sua maior força. Para elle o fim sanctifica os meios. Quando elle desapparecer, talvez a sua obra perigue, porque é elle o unico que a comprehende. Os seus successores hão-de querer uma grande Prussia e não uma grande Allemanha. N'uma palavra o principe de Bismark é o unico allemão do imperio.»

Realmente estes dois homens são de uma tempera antiga. Lembram aquelles vultos a que Victor Hugo deu nos *Burgraves* a vida da scena—aquelle Frederico Barba-Roxa, e aquelle formidavel Job, cuja grandeza epica verdadeiramente nos assombra.

Ha uma phrase celebre que se repete inconscientemente ha muitos annos: Foi o mestre-escola e não a espingarda de agulha quem venceu em Sadowa. A phrase exprime talvez uma certa verdade, mas não no sentido que se imagina. Parece que foi um exercito intelligente e instruido com a plena consciencia da sua missão e da sua obra que venceu em Sadowa os regimentos inertes e ignorantes de Benedeck. Por esse lado, illusão completa. Os regimentos que venceram em Sadowa venceriam igualmente, se se tratasse de defender a causa diametralmente opposta. Mas o mestre-escola o que faz é inspirar aos seus discipulos um tal respeito pelo soberano, pela lei, é instruir no espirito das gerações juvenis um tal culto pelo dogma da obediencia que não admira que os regimentos seriamente disciplinados se transformem n'umas verdadeiras machinas de guerra, terriveis e formidaveis.

O modo como Saint-Cére falla da instrucção na Allemanha é curioso e deve ser justo. Está muito em moda admirar a sciencia allemã, e desdenhar-se a superficialidade franceza. Effectivamente na Allemanha estudam tudo profundissimamente, mas a sua sciencia muitas vezes é esteril e inutil. Ora ha dois modos de se ser superficial—um é tratar frivolamente coisas graves, outro é tratar gravemente coisas frivolas e futeis. Os Francezes tem muitas vezes a primeira maneira, mas os Allemães tem muitas vezes a segunda.

A instrucção é a grande preoccupação allemã, diz o perspicaz obeservador francez, e a criança, assim que chega aos 4 annos, é confiada immediatamente aos seus mestres. Tudo se subordina em familia ás necessidades da instrucção da criança: janta-se quando ella vem da escola, dorme-se quando ella acabou de estudar as suas lições, vae-se viajar quando está em ferias.

Mas, diz ainda o mesmo observador francez: se tanto se occupam os paes da *instrucção* das crianças, em compesação occupam-se menos da sua educação.

Acontece que um pequeno allemão sabe admiravelmente ás raizes gregas, mas não sabe que se não entra n'uma sala de chapéu na cabeça; sabe geometria como um homem, mas não sabe limpar os dentes.

Imaginamos como um Allemão riria desdenhosamente, ao ler estas observações, da hostilidade do escriptor francez, mas é elle que tem razão. As crianças precisam de ser habilitadas para brilhar no mundo da sciencia, mas tambem para viver e moverse na sociedade.

Esta preoccupação faz com que o mestre-escola seja em qualquer terra da Allemanha um personagem, que está bem longe d'aquelle typo grotesco, e faminto do nosso mestre-escola e do mestre-escola francez. Isso é muito bom incontestavelmente, mas tambem é muito bom não exaggerar coisa alguma.

A Allemanha está sendo uma vasta caserna e um vasto lyceu. Mas emquanto no exercito reina a disciplina mais energica, e emquanto o imperador se delicia com a perfeição d'esse instrumento de combate, fóra dos muros do quartel ruge o futuro exercito da anarchia e da desordem. Emquanto dentro do lyceu as gerações estudiosas disciplinam o seu espirito, e consagram as suas vigilias á averiguação de um ponto importante que consiste em saber-se qual era a côr da tunica de Cesar, no momento em que caío apunhalado aus pés da estatua da Liberdade, a Liberdade allemã jaz expirante aos pés do Cesar germanico.

O socialismo allemão, segundo a opinião de Saint-Cére, está em toda a parte, é o resultado de trinta annos de militarismo forçado, é a nova especie de idealismo que faz mais victimas para alem do Rheno. Expulsam-n'o, comprimem-n'o, reapparece de novo mais vivo do que nunca, é a forma do pessinismo adoptada em cima e em baixo da escala social, é o perigo para a concepção feudal e guerreira do Imperio Allemão.

Um pouco menos de militarismo e um pouco menos de sciencia absorvente, um pouco mais de liberdade, e um pouco mais de parlamentarismo preservariam talvez a Allemanha dos males que podem feril-a n'um futuro mais ou menos remoto.

E' a lição que se tira do livro de Saint-Cére.

Pinheiro Chagas.

A CIDADE MODERNA

Um homem de grande talento e de grande espirito, o escriptor allemão Max Nordau, acaba de publicar um livro curiosissimo —*As mentiras convencionaes da nossa civilisação*, que mais parece a satyra enorme d'um Diogenes azedado pelo mundo e pela cerveja, do que um simples estudo social e philosophico.

Max Nordau reduz todos os sentimentos humanos, todas as instituições sociaes, a ficções mais ou menos brilhantes e apparatosas, dividindo o seu trabalho nos capitulos seguintes:

Mane, Thecel, Phares
A mentira religiosa
A mentira monarchica e aristocratica
A mentira politica
A mentira economica
A mentira matrimonial
Mentiras diversas

Um dos capitulos mais curiosos é o da *Mentira politica*:—o homem, chegando á sociedade, luctando para se desenvolver, e succumbindo por fim, sob as complicadissimas engrenagens da machina do Estado.

Tomemos—diz o grande escriptor pessimista—tomemos d'entre a civilisação moderna, um homem do povo, sem laços de familia, sem relações que lhe garantam a protecção dos poderosos e a conquista do mais simples privilegio, e vejamos qual é a sua situação perante o Estado, um Estado que talvez não seja proprio de todas as regiões da Europa, mas que a muitas d'ellas poderá convir.

O homem que tomo como exemplo do cidadão europeu, acha-se já n'aquella edade em que os paes se veem forçados a pensar na educação e no futuro do filho.

Enviarão o rapaz á escola primaria? Enviam-n'o, de certo, e tratam de dar para isso os primeiros passos. Antes de admittido, exigem-lhe a certidão de baptismo. Julgava-se que, para participar dos beneficios da instrucção publica, bastaria a qualquer existir, e ter alcançado um certo grao de desenvolvimento phisico e moral. Nada d'isso. Antes de tudo, a certidão de baptismo. Esta meia folha de papel é a chave indispensavel da leitura e da escripta. Se o certificado não estiver ali, á mão, é necessaria uma operação complicadissima para o obter sellado, reconhecido, perfeitamente em ordem, com todas as assignaturas que dão fé de que o sujeito nasceu.

O pequeno entra, por fim, na escola; deixa-a passados alguns annos, e d'ali vae para a Universidade, onde lhe exigem, em vez d'uma certidão, dezenas d'ellas. Concluido o curso de direito, parece que poderia ja ser util aos seus semelhantes, defendendo-os nos tribunaes. Mas não póde. Falta-lhe o titulo; depois tem ainda que inscrever-se no rol dos advogados. Antes de o fazer, porém, e de se consagrar completamente aos negocios juridicos, o nosso rapaz, que já completou vinte annos, desejaria percorrer a Europa em viagem de instrucção.

N'este caso, as difficuldades são maiores do que nunca. O passaporte não é coisa de facil acquisição para um *recruta disponivel*. Deve o sacrificio da sua vida ao Estado, cuja segurança podia ser ameaçada, d'um momento para o outro, por qualquer potencia inimiga.

*

Este transe chega emfim. João—chamemos João ao heroe d'esta historia possivel—é chamado ás fileiras do exercito.

No serviço das armas acontece-lhe ver Maria, e enamora-se dos seus encantos. O namoro, pelo correr do tempo, attinge as proporções d'um amor profundo. João é um caracter honesto; deseja regularisar honestamente as suas relações amorosas, e pensa em casar. Pode, porém, fazel-o? Não pode, emquanto fôr soldado. Para contrahir livremente matrimonio, deve esperar que o licenceiem, como se o casamento d'um militar podesse enfraquecer as faculdades defensivas do Estado.

Um dia, dia feliz, a licença tão appetecida chega. Já pode ligar o seu destino ao da namorada, satisfazer os impulsos do proprio coração. Mas os papeis? A enorme quantidade de documentos precisos? Um só que falte, e era uma vez o seu bello sonho de nupcias.

Felizmente, este novo escolho destroe-se.

Já casado, João pensa em estabelecer-se como commerciante. E a authorisação? E a contribuição a pagar? Novo escolho, nova difficuldade.

D'ahi a tempos quer fazer obras na fachada do seu estabelecimento. O Municipio intervém e regateia-lhe a licença. A frente da casa dá para a rua e a rua é de todos.

Mais tarde, lembra-se de conservar a loja aberta até alta noite. Vem a policia, manda-a fechar e multa-o ainda por cima. Nem lhe serve d'attenuante o padecer d'insomnias.

*

Maria proporciona a João um successor, na pessoa d'um rapaz loiro, sadio e rosado. A alegria familiar foi suspensa pelos deveres religiosos e legaes: baptisado, registro civil, testemunhas, padrinhos, um verdadeiro *mare magnum* de papeis e de passos.

E entretanto, que de peripecias succederam a João no espaço d'alguns mezes!

Um dia quiz distrahir-se n'uns jardins do Municipio, e foi-lhe negada a entrada. Outro dia, um visinho rouba-lhe certa porção de terreno; João recorre aos tribunaes; o assumpto leva mezes e annos a resolver; por fim, ganha o pleito, mas as despezas que fez excedem o valor do terreno roubado.

D'outra vez viu n'um museu um quadro da Renascença; gostou immenso dos trages dos personagens, e teve o capricho de fazer um, similhante, com que appareceu em plena rua. Horror! A policia encarregou-se de o fazer renunciar á *toilette*, qualificando-a de mascarada.

*

Para se distrahir d'alguma fórma, funda uma sociedade politica com varios amigos. O governo dissolve-a por illegal. Funda em seguida uma outra de caracter economico. O governo dissolve-a egualmente, por falta de authorisação prévia.

Achava-se entregue ao desespero que estas violencias lhe haviam causado, quando o surprehendeu um golpe muito maior: —a morte de sua mulher.

Teve então um pensamento consolador: conserval-a junto de si em casa, mesmo depois de morta. Sem dizer nada a ninguem, enterrou-a no quintal, debaixo d'uma arvore que ella estimava muito. Mas a policia estremece e ruge, desencadeia-se em volta d'elle uma tempestade medonha. O que fez, por amor, era um crime perante a lei.

João foi punido severamente, e as authoridades mandaram trasladar o cadaver de Maria para o cemiterio publico.

Eis aqui o pobre homem só no mundo. No seu isolamento, começou a entristecer, perdeu o animo, e cahiu por fim n'uma espantosa miseria.

O que fazer então?

Foi postar-se á esquina d'uma rua, e pedio esmola... Mas quando ia a estender a mão ao primeiro transeunte, prenderam-n'o como a um scelerado. Era prohibido mendigar.

Do seu paradeiro na rua publica foi conduzido para a cadeia, e passados alguns dias transferiram-n'o para um asylo, onde teve de envergar o uniforme da casa e comer as minguadas sopas da caridade. Atacou-o uma melancholia profundissima. Com o olhar fito no chão, o infeliz recordou todo o seu passado.

«Eis-me aqui com setenta annos! E de que me servio todo esse tempo? Nunca fui senhor de mim proprio... nunca! Quando queria realisar qualquer projecto, apparecia-me logo a authoridade. Em todos os meus negocios pessoaes, individuos estranhos metteram o seu nariz burocratico. Quando era roubado, diziam-me: — pleitêa. Antes e depois de roubado: — obedece e paga...»

Chegado a este ponto do seu monologo, o pobre João, desilludido do mundo, encaminhou-se para a beira d'um rio proximo, e tratou de lançar-se á corrente.

Quando ia realisar o seu intento, uns agentes de policia agarraram-n'o pela cintura, já dentro d'agua.

D'ali, foi levado á presença de um juiz, que não tardou em condemnal-o a larga prisão, por tentativa de suicidio.

Felizmente, João havia esfriado muitissimo quando se lançou á agua, e apanhára uma pneumonia dupla, que lhe acabou com os dias no carcere.

A authoridade instaurou sobre o caso um novo processo. Foi o ultimo.

NAUTILUS.

A FLOR DA CAMPA

Se á gente, depois da morte,
Brotasse do coração
A flôr dos nossos enlevos,
A flôr da nossa affeição,

Verias, se acaso um dia,
Entrasses no cemiterio,
Um triste goivo brotando
Do meu jazigo funereo;

E se o aroma aspirasses
D'essa pobre e meiga flôr
Acharias que exhalava
A essencia do meu amor.

E em cada folha verias,
Em lettras d'oiro, gravado,
Um nome que eu não esqueço,
O teu nome abençoado.

J. ALVES TAVARES.

O PRINCIPE NAPOLEÃO

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 51)

V

Vida nova

A entrada inesperada de Antonina produziu um effeito assombroso.

Se um raio tivesse de repente cahido n'aquella sala, a impressão teria sido muito menos violenta.

Luiz cerrou os punhos ao vel a, deu ainda um passo para ella no primeiro impeto, e depois ficou-se extatico, surprehendido, aturdido, sem conseguir por uns segundos pensar, atar o fio das suas idéas, fazer qualquer raciocinio.

O Fonseca, esse, ficou perfeitamente assombrado.

Livido como a morte, com os olhos muito abertos a sahiremlhe pela cara fóra, com uma grande expressão imbecil, a bocca semi aberta n'uma interrogação de curiosidade e n'uma exclamação de terror, parecia que tinha sido fulminado por algum ataque cataleptico.

Estiveram um momento todos tres assim, elles dois estupefactos e immoveis, como que paralysados pelo espanto; ella em pé, com os braços para traz, offerecendo o seu formoso pescoço ás mãos d'aquelle que a queria matar, offerecendo-lhe ao punhal vingador o seu colo branco, setinoso, que se desnudára cheio de provocações estonteadoras no gesto tragico de Antonina, que escancára a *robe de chambre* matutina vestida á pressa sobre a camisa de noite.

A primeira a raciocinar depois de dada a scena, de produzido o effeito theatral que a seduzira, que a fascinára, que a arrastára, foi ella, a propria auctora da inesperada situação.

O seu feitio romantico, o seu temperamento, o seu enorme orgulho não lhe tinham permittido ouvir a sangue frio todos os ultrages enormes, que seu marido lhe vibrava. Depois a attitude medrosa, cobarde, ridicula do seu amante, diante d'esse marido que ella por sua causa atraiçoára, mais lhe exasperou o animo, mais lhe exaltou os brios.

Estivera a todo o momento á espera que, finalmente, na alma d'aquelle homem despertasse uma scentelha de dignidade, que pelo menos encontrasse na sua hypocrisia medrosa uma palavra sequer para a defender, para a desculpar.

E nada!

Seu marido insultava-a, chamava-lhe miseravel, infame, tudo, e elle ouvia, ouvia e calava.

Seu marido ameaçava-a, erguia-se terrivel e bello ao mesmo tempo, porque n'esse momento Luiz pareceu tão grande e bello aos olhos de Antonina como o seu amante lhe parecia grotesco e despresivel, trovejava ameaças terriveis, e elle, banasola, elle, por quem ella se perdera, ouvia tudo isso muito tranquillo, e dizia a tudo *Et com spiritu tuo*, como se estivesse a ajudar á missa!

Era de mais.

Pela primeira vez depois de sahir de casa de seu marido, Antonina sentiu-se só no mundo, perfeitamente só: e louca, desvairada, sem medir o alcançe do que ia fazer, sem pensar nas difficuldades que ia crear, lembrando-se só de que a ameaçavam na presença do homem por quem arriscava a vida, e de que esse homem se calava como um miseravel rafeiro cheio de medo, abriu a porta n'um impeto, e apresentou-se corajosamente, valentemente diante do seu juiz:

—Quer matar-me? Pois mate-me, aqui me tem!

Mas dado o golpe de theatro, obedecido cegamente, inconscientemente o primeiro movimento do seu caracter impetuoso, do seu espirito cavalheiresco, Antonina cahiu logo em si, viu todos os perigos enormes, todos os escolhos insuperaveis da situação sem sahida em que se collocára, e então, deixando-se de commentarios, lançou-se avidamente á procura do meio pratico de conjurar a catastrophe que provocára, como mulher habil em expedientes, que no fim de contas era.

E por isso, quando Luiz, voltando um pouco a si da sua enorme surpresa, olhava desconfiado, assustado, para o Fonseca, que se conservava ainda na mesma posição de estatua—como o D. Bartholo de Rossini—Antonina mudando completamente de expressão, em comediante exprimentada n'estes lances difficeis, n'estas transições bruscas de melodrama, lançava-se de joelhos aos pés do seu amante e supplicava-lhe, com a voz cheia de lagrimas:

—Perdão, perdão, sr. Fonseca, meu unico protector, perdão de ter abusado assim da sua bondade, de ter despresado tão estupidamente os seus bons conselhos. Mas não pude mais. A minha situação é insustentavel. Liquide-se isto por uma vez, peça-lhe a elle que me mate, ajude-o tambem a matar-me, já que com as suas palavras crueis e esmagadores tanto tem torturado o meu pobre espirito; acabem-me com esta vida, que é um tormento infernal!

Luiz, cada vez mais estupefacto, olhava para ambos sem perceber nada, e o Fonseca, completamente aparvalhado, sem encontrar lá dentro do seu cerebro tão brutalmente chocalhado uma unica idéa, abria repetidas vezes a bocca para fallar, mas nem uma palavra sequer lhe vinha aos labios, seccos e febris.

—Mas o que quer isto dizer, perguntou por fim Luiz, dirigindo-se agastado ao seu amigo. Anda, dize-me, explica-me o que quer dizer tudo isto?

—Não sei nada, não percebo nada, juro pela minha salvação eterna, conseguiu depois de enorme esforço dizer o Fonseca, com sincera e profunda convicção.

—Como venho eu encontrar aqui esta mulher, esta mulher, que me dizias nunca mais teres visto, e como a venho encontrar n'este traje?.

E olhando outra vez para ella, mirando-a da cabeça aos pés, mordido no intimo do coração por cruel suspeita, Luiz continuou, com a voz a tremer-lhe d'indignação:

—Dar-se ha o caso, que esta senhora viva agora aqui, e que o amante de minha mulher, o ladrão da minha honra, da minha felicidade, seja...

Luiz! Luiz! gritou com voz sumida o Fonseca, tomado de fundo terror.

—Não insulte o seu amigo! declamou nobremente Antonina, erguendo-se; não insulte aquelle que presa a sua honra tanto ou mais que o senhor, aquelle que tem sido tão inexoravel para com a minha culpa como o senhor proprio; insulte-me, mate-me a mim, está no seu direito, mas não tem o direito de ser ingrato para com elle.

E na voz de Antonina havia tanta sinceridade, tanta convicção, que Luiz, profundamente commovido e quebrado por aquellas violentas e inesperadas commoções, lançou-se nos braços do seu amigo, chorando como uma creança e balbuciando por entre lagrimas.

—Perdôa... perdôa... eu não sei o que digo nem o que faço. Suspeitei de ti, de ti que és o meu melhor amigo. Perdôa-me, dize que me perdôas... se não queres que eu morra de arrependimento e de vergonha, aqui ao pé de ti .. Perdoas?

—O' Luiz! Essa é boa!... balbuciou muito vendido, muito compromettido o Fonseca...

—Perdôas?

— Estás perdoado...

E de repente, passando-lhe pelo espirito um raio de esperança, entrevendo no meio d'aquelle temporal uma tabua de salvação a que se podesse agarrar, continuou, já com voz mais firme:

—E tu a ella perdoavas-lhe?

(Continúa)

GERVASIO LOBATO.

O MAGALHÃES DO CHIADO

(Nota da capital)

Tanto o Magalhães como o Chiado passaram á historia.

O primeiro pondo escriptos na loja e dizendo o *adeus* da despedida áquelle Chiado que era a sua gloria e o seu cognome. O segundo deixando-se chrismar por um nome que na nossa litteratura será um esplendor eterno, mas que nas ruas jamais attingirá a celebridade que adquiriu nas lettras.

A loja do Magalhães, e elle proprio, constituiam um d'estes pontos de reunião caracteristicos das grandes e pequenas cidades, onde a politica e o escandalo, o ultimo decreto e o ultimo adulterio, o estado das finanças e as aventuras dos homens mais conhecidos, assentavam os seus arraiaes, e durante dias, desde a manhã até ás nove da noite, eram discutidas, apreciadas, corrigidas e ampliadas por todos esses que, antes do jantar e depois do almoço, antes de S. Carlos e depois do café, ali iam invariavelmente dar um aperto de mão ao Magalhães, fumar um cigarro e cavaquear um quarto de hora.

O que se não soubesse na loja do Magalhães não se sabia em parte alguma de Lisboa. A propria Havaneza, com toda a sua sumptuosidade e bons charutos, não conseguio desbancar a fama aristocrata d'aquelle estabelecimento, onde entraram os vultos mais eminentes da nossa politica e da nossa fidalguia.

Havia uma roda certa de bons velhotes, afidalgados, de grandes brilhantes nos anneis e sobrecasacas muito limpas, que eram os amigos velhos do dono da loja.

Alguns rapazes da nossa sociedade dourada, tambem ali faziam estação, e para todos o Magalhães tinha um dito de espirito, um sorriso franco, uma jovialidade engraçada. Sabia ser velho com os velhos, e rapaz com os rapazes.

Em torno d'este homem modesto, labutando corajosamente

TRAJES POPULARES DE STEYERMARK, NA AUSTRIA

por entre os aridos caminhos da vida, agrupava-se uma legião de amigos que o respeitavam e estimavam sinceramente. De ha muito porém que esses amigos foram cahindo lentamente no tumulo, ceifados pela morte, como os fructos maduros cahem no chão arrancados pelo vento. Hoje um, amanhã outro, depois outro, e o Magalhães começava a ver desfilar a caminho da eternidade esses que o conheceram no principio da sua carreira, que lhe notaram o branquejar da barba, que ainda rapazes se tinham feito seus amigos, n'uma despreoccupação cavalheiresca de franqueza e sinceridade.

E ao lado d'estes, que a morte prostrava, os annos iam cahindo tambem sobre as forças d'elle, que começava a sentir-se cançado, aborrecido, sedento de descanço e de tranquillidade. Surgiam novas amizades, é certo, mas já não eram as mesmas, os caturras, os massadores, aquelles que tinham feito a loja; e depois era preciso trabalhar, e o trabalho tambem aborrece um dia.

Elle tinha saudades de deixar a loja. Era ali que os seus amigos o procuravam, que tinha espalhado o seu nome, que, á custa d'uma grande persistencia e d'uma extrema finura de trato, conseguira recrutar sympathias e adhesões nas mais nobres fileiras da nossa sociedade.

Effectivamente não se deixa assim, sem uma certa tristeza, a casa onde por longos annos empregámos o nosso trabalho e reunimos as nossas affeições. Prendem-se a ella umas recordações vagas de certas e determinadas cousas, umas reminiscencias agradaveis d'um passado que não volta mais, uns golpes de vista retrospectivos sobre imagens e quadros que a meias tintas ainda vivem pallidamente esboçados na idéa.

Havia 35 annos que o Magalhães se estabelecera no Chiado, n'aquella mesma loja, que foi o vibrar da ultima nota da rua aristocratica da nossa capital.

Pouco a pouco, n'este periodo que representa a meia existencia que passa pela escala da infancia, puberdade e juventude, que é, por assim dizer, o espaço em que se aninham todos os sonhos e todas as illusões, elle viu o Chiado transformar-se vagarosamente desde o *Marrare de polimento* até ao incendio do palacio Barcellinhos, desde a luz Jabloskoff até á collocação do novo nome d'aquella rua, onde elle era o ultimo representante.

Aquella loja tinha o seu *quê* de celebridade, o seu feitio original, *sui generis* d'um ponto de reunião onde todos os dias, á mesma hora, os mesmos homens se reuniam, discutindo e criticando os mais variados assumptos.

Se fosse um café, o Magalhães estaria hoje rico. Mas infelizmente elle vendia cousas muito bonitas e elegantes, que os frequentadores julgaram dever conservar na montra, para felicidade e descanço futuro do dono do estabelecimento!

Em Paris, o Mahalhães teria feito uma fortuna. A sua loja seria a personificação do *chic*, do bom tom e da elegancia, porque em Paris compram-se *bibelots* e adoram-se estas antigualhas a que a phantasia dos seus habitantes sabe dar uma certa fórma artistica e proveitosa como ainda ás cousas mais simples.

Apoz 35 annos de lide, o Magalhães retirou-se á vida privada, burguezmente, pacatamente, sem que os objectos do seu estabelecimento fossem disputados com avidez no leilão de despedida, só porque do alto das prateleiras tinham visto durante annos o desfilar vagaroso da enorme legião dos frequentadores do estabelecimento.

Só agora o Chiado se póde considerar entrado na sua nova phase.

Aquella loja era um protesto mudo contra a rua *Garrett*.

Não, que ella assistira ás glorias e tristezas da localidade, quando esta se chamava apenas o Chiado, no tempo dos *janotas*, como então eram conhecidos os rapazes *chics*, nas epocas dos grandes marialvas e das grandes troças de S. Carlos, quando aquelle sitio tinha uma nota discordante de todo esse meio puramente burguez que por ahi se depaupera pelo centro da cidade.

Manuel Broun, Antonio Souto Mayor, marquez de Nisa, conde de Farrobo, o Tannas, marquez de Castello Melhor, Jeronymo Condeixa, e todos os demais celebres no mundo lyrico, prodigo, espadachim e tauromachico, assentavam no Chiado os seus pontos de reunião, onde se discutiam *cocottes* de primeira ordem, touradas esplendidas e pateadas monumentaes.

No Chiado se prepararam a queda de muitas prima-donas e o successo de muitas bailarinas, no tempo em que S. Carlos tinha corpo de baile, e o conde de Farrobo dirigia a empreza.

Todos esses morreram ou sahiram da patria. Todas essas notas da vida alegre emmudeceram perante a exhibição burgueza d'uns bazares ordinarios, e as gargalhadas alcoolicas d'umas *cocottes* falsas, ceiando modestamente n'um gabinete do Restaurant-Club.

Só a loja do Magalhães restava impavida, melancolica e saudosa no seu posto, como uma recordação dos bellos tempos d'outr'ora. Morta ella, tudo acabou quanto d'aquella aristocratica rua nos podia trazer á idéa uma lembrança amena, fanada pela mão inexoravel do tempo.

Se a loja, porém, acabou, o Magalhães ainda vive, e oxalá que viva por longos e felizes annos.

ALFREDO GALLIS.

A ULTIMA PALAVRA

—Tudo estava irrevogavelmente dito, ella não o amava. Illudira-se, era evidente que se illudira.

E quando pedira em lagrimas ao pai que a deixasse unir o seu destino ao do pobre e obscuro rapaz, companheiro da sua infancia, orphão renascido para os doces affectos de familia na casa onde o pai confundira, na mesma effusiva ternura, a filha legitima, unica que lhe deixara ao ir-se embora para a morte a esposa estremecida, e o filho adoptivo, quando ousara, aos quinze annos, como uma creança inconsciente, ir pedir ao papá que os cazasse, enganára-se, tomando a amizade fraternal que lhe dedicava por outra especie de affeição, que só mais tarde, agora, de repente, reconhecera que não sentia.

Elle ouvia-a em silencio, com esse olhar profundo e vago de quem procura investigar no pensamento da pessoa com quem fala a verdade que as palavras em vão tentam occultar.

Ella sorria-se, os seus limpidos olhos azues envolviam-o e como que o penetravam da sua clara luz risonha e calma.

Uma expressão de bondade e de serenidade nimbava-lhe a cabeça, intelligente e juvenil. No fundo do olhar, que elle interrogava, fitando-o com a imperiosa insistencia da vontade que exige, nem uma sombra de dissimulação.

Como no crystal nitido de um espelho, cada palavra que Christina lhe dizia reflectia-se, sem a menor intenção reservada, na sua tranquilla fronte virginal, nas suas pupillas transparentes, no seu sorriso discreto e meigo.

Nenhum amargor, nem uma longiqua inflexão ironica na suavidade d'essa conversação que tomara de subito, sem que elle o esperasse, um aspecto imprevisto.

E todavia, custava-lhe ainda a acreditar! Não podia assim, de repente, admittir essa brusca evidencia de um facto contra o qual se batera, em longas horas de insomnia, a sua consciencia revoltada.

Na tarde, de uma doçura idyllica, uma tarde de maio de uma amenidade pastoril, em que se aspirava no ar puro e diaphano um largo sopro de primavera, havia como que o protesto vivo contra essas palavras que resoavam ao seu ouvido com um som estranho, como se fossem pronunciadas ao longe, em um sombrio ermo occulto na extremidade da terra, povoado apenas por elle e pela sua ignorada chymera.

Essas palavras, cujo sentido escapava á emoção de todo o seu ser adormentado, que brotavam dos labios de Christina com uma inflexão natural e simples, aterravam-o!

E entretanto, elle sentia-as ungirem-lhe o coração como um estranho balsamo dulcificador.

Era monstruoso o que ella lhe estava dizendo, monstruoso e inverosimil!

Ligados um ao outro por todas as indeleveis memorias da infancia, por todas as identificações da convivencia, por todos os jubilos do primeiro amor de duas creanças, caminhando na vida de mãos enlaçadas, como é que ella ousava renegar o passado e quebrar, com as suas frageis mãos de mulher, a algema a que elle se considerava indissoluvelmente preso?

Christina luctara, por amor, contra a vontade paterna; regeitara o noivo millionario imposto pelo pae, e fôra elle, o humilde orphão adoptado por caridade, o paria sem nome e sem fortuna, que o seu coração preferira entre todos, que o seu amor distinguira acima dos outros homens, duplamente attraidos pela sua belleza loira de archanjo e pela opulencia do seu dote de millionaria.

Fôra então que o orgulho d'elle accordara, que a immensa felicidade de ser amado e a ineffavel gratidão de ser preferido o instigaram um dia, de repente, a embarcar para o Brazil.

O Brazil deixara-se conquistar pelo vigoroso obreiro que se lançara no conflicto da lucta pela vida, armado até aos dentes de uma vontade indomavel, de uns braços robustos e de um cerebro admiravelmente equilibrado.

Voltou, rico e célebre, e veio deitar-se-lhe aos pés, escravo da sua gratidão, fiel ao incessante culto da sua vida.

E agora, decorridos tres annos, quando ia afinal realisar-se a união, ha tanto projectada, era ella que não queria, que se insurgia contra a inexoravel lei do destino, que negava a omnipotente attracção do amor.

Caprichosa, como todas as mulheres, ella que se lhe afigurara modelada no divino marmore impeccavel de que são formados os anjos; incoherente, como qualquer vulgar coquette, deixando-se governar pela sua despotica fantasia,—a deusa eternamente adorada pela mulher;—dizendo-lhe hoje que o não queria, pelo mesmo motivo em virtude do qual lhe dissera outr'ora que o amava. Oh! as mulheres!...

Decididamente, Christina não era uma excepção. Não, não era!

Os seus escrupulos, a puerilidade dos seus remorsos, a lucta em que a sua alma se debatia ha tanto nas trevas, com o anjo do eterno amor, faziam-o sorrir.

Estava-se sentindo ridiculo no heroico e ignorado holocausto a que se votara, á medida que descia do seu inaccessivel nimbo a imagem supersticiosamente venerada.

Christina contemplava-o impenetravel e parecia ler-lhe na alma...

De subito, ergueu-se, encarou-o face a face, pegou-lhe nas mãos, e curvando-se a ponto de tocar-lhe na cabeça com os seus finos cabellos de oiro, disse-lhe:

—Façamos as pazes, quer?

Claudio ia responder, accusal-a talvez, expandir em uma torrente de palavras os pensamentos que se embrulhavam confusamente na sua cabeça aturdida.

Mas uma voz imperiosa vibrou no fundo da avenida e um pequeno galgo, nervoso e fino como uma estampa, atirou-se aos joelhos de Christina.

—E' uma paixão, minha querida, disse Carmen, rindo doidamente e chamando *Spark*, o galgo que Christina afagava. Uma paixão de tres pessoas distinctas, eu, o *Spark* e o sr. Claudio, e uma só verdadeira, o teu noivo!

Christina sorriu-se; Claudio empallideceu.

A señorita Carmen assentou-se no banco de cortiça, ao lado de Christina. Uma roseira branca, que estendia preguiçosamente, as suas finas hastes, carregadas de flores, por cima do tecto de balsamina, que cubria o caramanchão, fazia ao grupo das duas amigas um perfumado docel de uma alvura immaculada.

A par da vaporosa e pouco definida phisionomia de Christina, sobresaia a curva de ambar quente e doce do busto da andaluza, um soberbo busto peninsular, engastado em uma floresta de cabellos pretos, illuminado por dois grandes olhos escuros, de um estranho brilho ardente e languido.

Claudio retirára-se discretamente; fôra assentar-se no pomar, na sombra balsamica das laranjeiras.

Carmen fallava muito e interrogava sempre: queria saber se a *corbeille* de Christina já estava concluida, quando era o grande dia, se ficavam em Lisboa?

Christina illudia as perguntas, sorrindo sempre, com o seu fino sorriso impenetravel, e acariciando *Spark*, que lhe lambia as mãos.

A intimidade de Carmen e Christina começara havia tres annos, em Cintra.

Desde então, eram inseparaveis.

A andaluza não podia viver sem a sua querida portugueza: escrevia-lhe todos os dias, ia vel-a duas ou tres vezes por semana.

A chegada de Claudio, o noivo anciosamente esperado, apertara ainda mais essa convivencia cheia de encanto, onde a hespanhola entrava com a picante e expansiva alegria do seu fogoso temperamento, que a fizera affeiçoar-se, logo á primeira vista, ao noivo da amiga, como se elle fôra seu irmão.

Quando a noite estendeu sobre o jardim o seu espesso manto de sombras, Christina deixou cair a cabeça no peito e emmudeceu.

O galgo ladrava, e Claudio chamava-o do pomar, offerecendo-lhe bolos.

—Sr. Claudio! gritou Carmen, rindo como uma perdida, aposto que está aspirando o perfume da flor de laranja?... Ah! os noivos, os noivos!

E voltando-se para a amiga:

—Que tens tu? não dizes nada?

Christina propoz-lhe subirem á sala, onde estavam os albuns, vindos n'aquella manhã de Barcelona, uns albuns encadernados em pellucia e rendas de Sevilha, uma obra prima da industria barcelonense, que Carmen mandara fazer expressamente para brindar a noiva.

N'essa noute, Christina tocou, cantou, valsou, recitou. Carmen, encantada com a metamorphose da amiga, *a dama melancolica*, como ella lhe chamava, celebrou o milagre, batendo palmas, pulando no meio da sala como uma creança estouvada.

Em compensação, Claudio mostrava-se taciturno, preoccupado, alheio a tudo que o rodeava. Fôra esconder-se na sombra do piano, e de lá, o seu olhar apaixonado e triste cravava-se, com uma fixidez estranha, no rosto de Christina. Nunca a sua casta belleza de seraphim lhe parecera tão correcta e pura.

Tudo que até alli o atormentava, pungindo-lhe secretamente a consciencia e ulcerando-lhe o coração, tudo desapparecera, substituido por um sentimento novo, por um singular mixto de ternura e rancor, de amor e odio, votado áquella doida que pizara aos pés o seu pobre sonho frustrado!

Porque fôra ella; que duvida?

*

No mez de dezembro, a egreja de S. Domingos povoou-se, uma manhã, da *élite* da sociedade lisbonense, convidada para assistir ao casamento de Claudio com a señorita Carmen Vilasboas.

Christina, radiante na sua toilette de setim e rendas de Chantilly, não se separou dos noivos até ao momento em que elles entraram no coupé-leito que devia conduzil-os a Sevilha.

No dia seguinte, Christina caiu de cama com uma ligeira febre de fadiga, segundo a declaração do medico, chamado á pressa pelo pae, apprehensivo.

Mas a febre recrudesceu com inesperada violencia, o delirio começou, os medicos succederam-se á cabeceira da pobre creança inanimada, e cada um que saía, levava aos pedaços a ultima esperança do infeliz pae.

Uma noute, a doente reanimou-se de subito, parecendo despertar do tumultuoso delirio que a sacudia no leito, sentou-se na cama, como um morto que se levanta do fundo da sepultura, chamou o pae, que chorava, escondendo a cara nas mãos.

—Perdoe-me! balbuciou, beijando-a.

Depois, deixando cair no hombro do velho a cabeça livida, cingida pela aureola de oiro do cabello, murmurou-lhe ao ouvido:

—Diga a Claudio que lhe perdôo.

Foi a sua ultima palavra.

GUIOMAR TORREZÃO.

AS NOSSAS GRAVURAS

O PRINCIPE NAPOLEÃO E SEU FILHO, O PRINCIPE VICTOR

Em virtude da lei de expulsão ultimamente votada pelas Camaras francezas, estes dois principes tiveram ha dias de abandonar o territorio da Republica. Achamos, pois, opportuno publicar hoje os seus retratos, acompanhados de umas ligeiras notas biographicas.

Napoleão José Carlos Bonaparte, sobrinho de Napoleão I, nasceu em Trieste no anno de 1822. Até os 9 annos de edade esteve em Roma com sua avó Lætitia, e depois matriculou-se na escola militar de Luisburgo (Wurtemburg). Em 1840 viajou por diversos paizes da Europa, permanecendo em Hespanha durante a regencia de Espartero.

Em 1845, entrou em França, mediante prévia concessão do governo, mas foi desterrado de novo, por causa dos seus alardes democraticos.

Ao cair Luiz Filippe, declarou-se republicano e foi eleito deputado pela Corsega, tomando assento nas fileiras da direita moderada.

Em 1849, representou a Republica em Madrid, na qualidade de ministro plenipotenciario, sendo pouco depois demittido d'este cargo, por ter abandonado o seu posto sem licença do governo.

Esta severidade levou-o a inclinar-se mais para a opposição democratica, e durante as sessões da Assembléa legislativa, para a qual foi tambem eleito pela Corsega, assentou-se na esquerda, votando quasi sempre com ella.

Restaurado o imperio, reinvindicou os seus direitos, e em virtude de um *senatus consultus*, recebeu o titulo de principe francez, com os cargos annexos de conselheiro de Estado e senador, sendo condecorado com a gran-cruz da Legião de Honra, e nomeado general de divisão.

Assistiu á campanha da Criméa, tomando parte nas acções de Alma e Inkerman. Em 1855, foi nomeado presidente do comité da Exposição Universal, e tres annos depois desempenhou o cargo de ministro da Algeria e das Colonias.

O principe Napoleão desposou em 30 de janeiro de 1858 a princeza Clotilde, filha de Victor Manuel, confirmando este enlace a alliança do Imperador com o Piemonte.

Durante a guerra d'Italia occupou a Toscana com um corpo de exercito, e em 1866 serviu de ajudante no Estado-Maior de seu sogro, já rei de Italia.

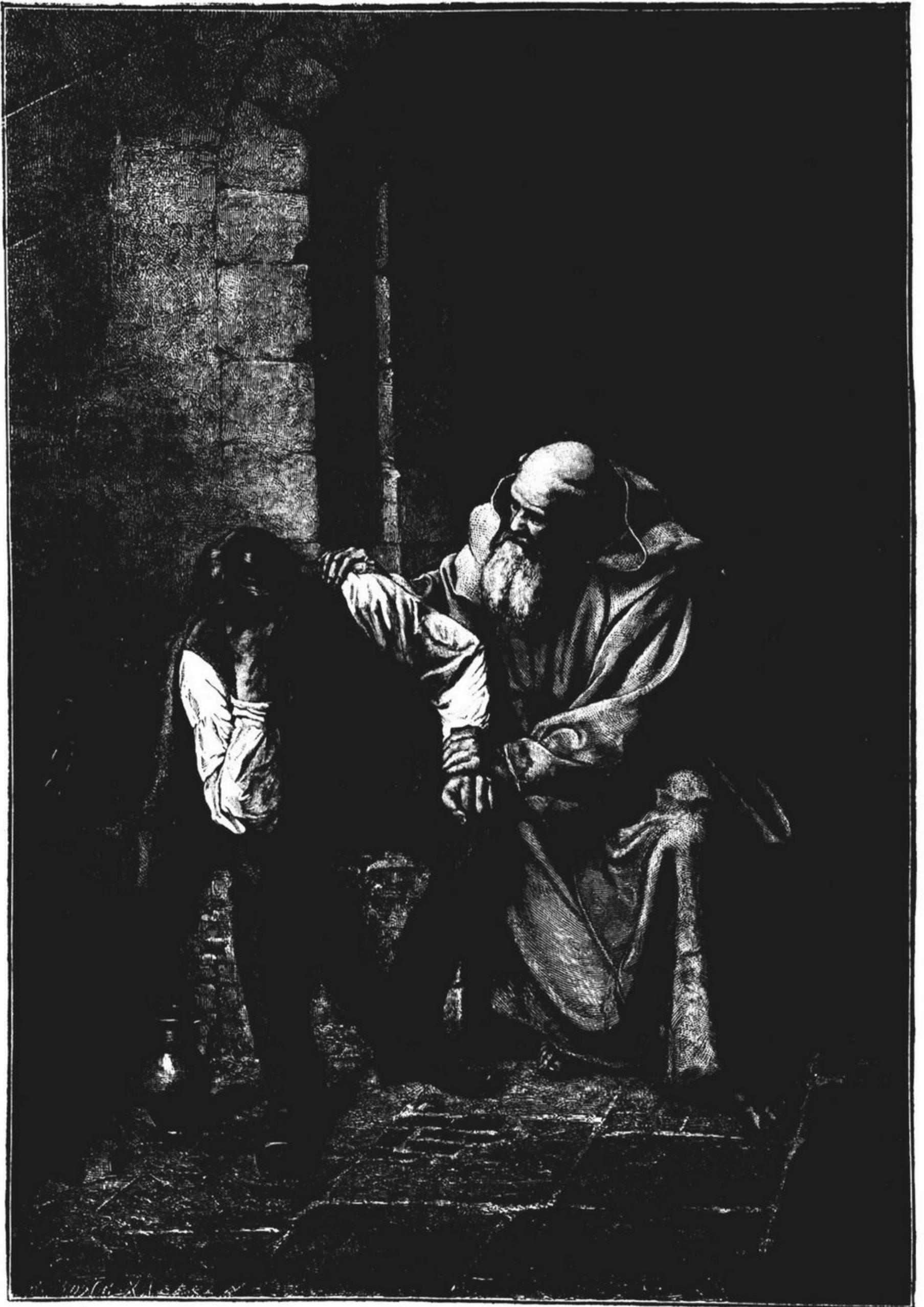
Os seus discursos, no senado, contra o poder temporal do Papa, e no sentido revolucionario, deram logar a que o Imperador fizesse publica a sua divergencia com elle em materia politica.

Durante o captiveiro de Napoleão III em Wilhemshohe, apontavam-n'o como a alma de todas as intrigas bonapartistas, nascidas em Allemanha com o fim de restabelecer a dynastia por meio do exercito prisioneiro e com o concurso da Prussia. Chegou mesmo a affirmar-se que era elle a candidato de Bismarck para succeder a Napoleão III.

Durante a republica, foi eleito deputado, adherindo á fórma do governo existente; mas depois de morto na Zululandia o principe Imperial, addusio os seus direitos á corôa de França.

O principe Napoleão esteve ha tres annos preso na *Conciergerie*, por ter publicado um manifesto ao paiz.

Pouco tempo depois debateu-se entre elle e seu filho Victor um processo intimo, que acabou por inimistal-os profundamente. Esse rompimento produzio uma scissão entre os partidarios do imperio democratico e os partidarios do imperio auctoritario, que o principe Napoleão tentou inutilmente reconciliar em seu proveito.

Alguns bonapartistas seguem o principe Napoleão, a quem chamam Napoleão IV, mas outros—o maior numero—proclamam seu filho como herdeiro do throno da França.

O ULTIMO DIA DO CONDEMNADO

*

O principe Victor nasceu em 18 de julho de 1862. Dizem-n'o intelligente e sympathico, muito mais sympathico de que seu pae, a quem os francezes chamam o *Plomplon*.

Ao abandonar a França, no dia 23 de junho findo, o principe Victor fallou aos seus partidarios como pretendente, dizendo-lhes que o desterro não o impedirá de consagrar á sua causa a vida inteira, com fé ardentissima e inquebrantavel.

TRAJES POPULARES DE STEYERMARK, NA AUSTRIA

Ao sul da Allemanha, na Austria, a população campezina distingue-se por uma actividade paciente, digamos, assim e por uma doçura de costumes extraordinarios. Não tem a raça germanica, espalhada por extensissima zona, confinada ao sudueste com o mundo latino, ao sudoeste com o mundo slavo e ao norte com a Scandinavia, nem identidade de costumes, nem de lingua, nem de religião. Assim, os habitantes da região de que hoje apresentamos typos verdadeiramente curiosos, distinguem-se muitissimo dos habitos de astucia e de violencia, de que teem dado sobejas provas os germanos da Pomerania e Mecklenburgo, do Brandeburgo e da Silesia.

E' nas populações do sul que se encontra esse typo encantador da raça germanica, affavel, bom e hospitaleiro. E' alli, tambem, que se descobrem, em maior pureza, as caracteristicas d'esta raça.

O ULTIMO DIA DO CONDEMNADO

Praticou um crime horrivel e monstruoso: assassinou para roubar. As justiças, inexoraveis, condemnaram-n'o á morte ignominiosa na guilhotina. A sentença vae cumprir-se d'ali a poucas horas. Não lhe resta já um unico assomo de esperança. Tem de morrer. Mas o arrependimento chegou-lhe, e com elle a saudade da familia, dos filhinhos orphãos, por quem, talvez, praticou o crime negro e nefando.

E' por isso que o vemos, envolto nas sombras densas do carcere, a soluçar como uma creança, junto do sacerdote que lhe falla do Ceu e que o absolve em nome do Christo misericordioso.

Esmagadora e indefinivel angustia a d'aquelle desgraçado!

CASA DA CAMARA, EM FIGUEIRÓ DOS VINHOS

A villa de Figueiró dos Vinhos, assim chamada, pelas muitas figueiras e excellentes vinhos em que abunda, fica na provincia da Extremadura, 40 kilometros ao N. de Coimbra, 30 ao N. de Thomar e 165 ao S. de Lisboa, pertencendo ao bispado de Coimbra e ao districto administrativo de Leiria. Está situada em uma planicie amena, fertil e saudavel, e passam-lhe proximo os rios *Zezere* e *Pera*.

A nossa gravura representa o edificio dos Paços do Concelho de Figueiró dos Vinhos, um dos mais elegantes d'aquella povoação.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

No pedestal deslisa este artista—4—2.
Este sujeito gosta d'esta caça por ser jornalista—4—3.
Na gaiola e na ovelha encontrarás este fructo—2—1.
Esta vogal não é avarenta por ser mulher—1—1.

BELLINGE DA MATTA.

A' entrada da sala vi um animal que tem parceiro—1—2.
Este tecido aperta-se quando é pequeno—2—1.

P. S.

E' comparativo e anda ás apalpadellas este animal—1—2.

J. J. MONTEIRO.

Esta pedra no descanso é uma parente muito rara e apreciada—1—1—2.

X. RODRIGÃO.

A mulher bonita é mulher venenosa—2—2.

J. L. PINHEIRO DE CARVALHO.

Logogriphos

(Por lettras)

Nome proprio	14, 2, 3, 19, 16, 9
» »	3, 7, 9, 11, 17, 5
Mineral	7, 13, 3, 16
Vegetal	6, 5, 8 17. 18
Animal	3, 18, 10, 7
Possessão	18, 13, 9, 12, 3, 15, 2
Ave	1, 13, 6, 16
Jogo	19, 7, 4, 16

Uma lei

PINTO.

(Por syllabas)

Primor de Deus, tu que me vens em sonhos } 4.ª invertida e 1.ª
Meigos, risonhos, encantar a mente,
Oh! quanto eu dera, o pobre que te adora, } 2.ª e 3.ª
Por ver-te agora ao pé de mim sómente!

Mulher, em quem realça a formosura,
Uma alma pura, ai! tem dó de mim:
Fita os teus olhos n'estes olhos meus...
Bemdito Deus, como és gentil assim!

E. NESTOR.

Enigma

Cinco lettras escreva o leitor,
Se quizer encontrar certo peixe;
E supprima a do centro, inda peixe
Ha de ver com certeza o leitor.

Funchal. ESTEVÃO AFFONSO.

Problema

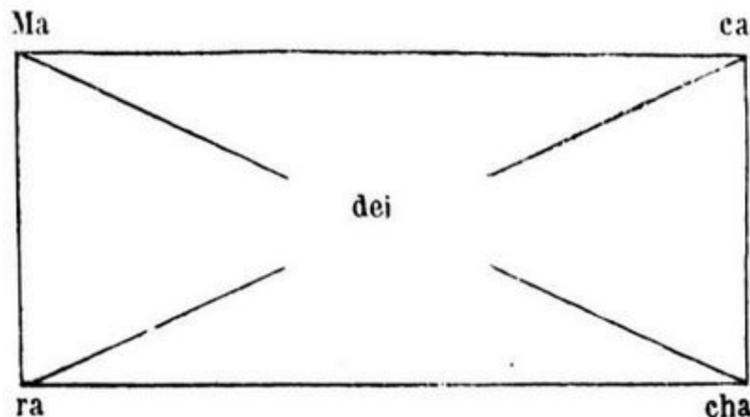
Ernesto joga o xadrez com Isidoro e Alfredo, ganhando com o primeiro 3 em 4 partidas, e com o segundo 2 em 3 partidas. Jogando 21 partidas, e ganhando 15, pergunta-se quantas partidas jogou com cada um dos companheiros.

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS: — Gilberta—Patarata—Xamata—Proconsul — Matacão — Beijamão—Aporo—Aroeira—Lisboa—Jacaré—Bolivia.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Prosapia—Galhofaria.

DA CHARADA CONIMBRICENSE:

DOS LOGOGRIPHOS:—Anthromorphitas—Staphilodendron.

DO PROBLEMA:—A primeira peça deu 252 tiros e a segunda 189.

*

Enviaram a decifração exacta do logogripho do sr. Xavier Rodrigão, os srs.: José Mendes de Gouveia, d'Alcantara; Arnaldo Armando Bordalo, de Lisboa; José J. Telles, de Coimbra, e Antonio Sousa Franco, de Santa Comba Dão.

Tem direito ao premio o primeiro d'estes cavalheiros.

A RIR

Uma dama, por tal signal muito gentil, ia hontem n'um americano para o Principe Real, e quando o carro chegou ao cimo da rua de S. Bento, disse ao conductor que tocasse a campainha para parar.

Calino, que desejava apeiar-se no mesmo ponto, e que ouviu isto, bradou ao empregado:

—Olhe, toque duas vezes, que eu tambem quero descer.

*

Uma esposa devota, é litteralmente torturada por seu marido.

A cada nova scena domestica, a pobre creatura levanta os olhos ao ceu; depois, abaixando-os e fixando-os sobre o seu algoz, murmura angelicamente:

—Meu Deus, offereço-vos este homem!

UM CONSELHO POR SEMANA

Agora, que toda a gente parte para o campo, vem a talho de fouce o seguinte conselho:

Se o leitor, á volta de Cintra ou de Collares, quer encontrar a sua mobilia e os seus aposentos em bom estado, eis o que tem a fazer: Antes de partir, mande limpar do pó os moveis, e bater e escovar os estofos, cobrindo-os depois com capas de chita ou panno, sobre as quaes deita uma pouca de camphora em pó.

Mande tambem tirar os reposteiros, e as cortinas das janellas, e guarde-os.

Com um pincel, ou uma boneca de panno, dê sobre os quadros e os espelhos uma camada de branco de Hespanha desfeito em agua. Esta precaução tem a vantagem de attrahir as borboletas de traça e de as matar.

Convém tambem mandar levantar os tapetes das salas. Se teem nodoas, manda-se ferver um fel de boi, n'uma porção d'agua, e lavam-se com este liquido, até que ellas desappareçam. Para a lavagem emprega-se uma escova.

Depois de bem seccos ao sol, enrolam-se e guardam-se cuidadosamente.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos estimados assignantes e leitores a fineza de enviarem d'ora avante toda a correspondencia relativa a assumptos de redacção e secções charadistica e litteraria, subscriptada para TOM POUCE, *rua Larga de S. Roque, 20, 3.º*

Evitar-se-hão assim varias irregularidades que se teem dado, e o extravio, sempre prejudicial, de cartas com artigos, poesias e charadas.

A redacção não publicará quaesquer escriptos que não tragam o endereço acima indicado, nem tomará conta de assumptos respeitantes á administração e da sua exclusiva competencia.

*

Todos os negocios exclusivamente administrativos, como reclamações sobre irregularidade na entrega do nosso semanario, pedidos de numeros, remessas do importe de assignaturas, etc., continuarão a ser tratados directamente com a Administração, na travessa da Queimada, 35, 1.º

*

Tendo alguns dos nossos collegas de Lisboa e das provincias transcripto, por vezes, varios contos e artigos publicados n'este semanario, sem ao menos indicarem d'onde os transcreviam, lembramos-lhes que todos os direitos de propriedade litteraria e artistica da *Illustração Portugueza* são reservados.

A ACTRIZ

Em uma noite de inverno, de um frio cortante como espadas, comprimia-se contra um portal, uma creancinha do sexo fragil. Do sexo fragil! Nunca este adjectivo tivera tão falsa applicação. A creaturinha que ali jazia, pallida como uma Ophelia, devia ter musculos d'aço, porque só as estatuas aguentam insensiveis as intemperies.

A pequena tinha esse typo indeciso da vagabunda, cuja edade é um enigma. Podia ter 10 annos, podia ter 15. A miseria é um martello de ferro batendo constantemente em cima da cabeça dos infelizes.

O vestido, que devia ter sido de chita, e que a cobria, pegava-se-lhe ao corpo, desenhando-lhe as formas angulosas, que mettiam dó. Aqui e ali, um rasgão respeitavel, deixava ver uma camisa negra. A roda da saia, puida, parecia renda de Flandres. As cannelas completamente nuas, tinham a côr arroxeada dos grandes frios. Um lenço de lã, sem pontas, rasgado, torcia-se-lhe em volta do pescoço. No cabello emmaranhado, os restos esfarrapados de um lenço, estranho toucado da desgraça.

Chovia desalmadamente. O vão da porta em que a infeliz se abrigava, era profundo para o delgado volume do seu corpo, o que não impedia que ella estivesse litteralmente encharcada. Os seus olhos ardentes, onde brilhava a febre e a fome, circumdados de um circulo roxo, fixavam-se com uma expressão estoica nos coupés que rodavam rapidamente, deixando entrever perfis aristocraticos, corpetes e *rivières* de baile; nos garotos, robustos e travessos, que apregoavam jornaes; nos policias envoltos nos seus *water-proofs*, como frades de nova especie.

E as cordas d'agua, como torrentes de diamantes iriados pela luz do gaz, pareciam não estancar nunca. Pela sua frente, como um phantastico véo de noiva, dançava a chuva na ampla concavidade do portão.

Como a agua apertasse mais, o policia de serviço n'aquelle ponto, abeirou-se do portal para se abrigar tambem. Encarou a rapariga. Esta nem pestanejou, parecendo mesmo nem ter dado por elle. O policia subiu o degrau do portão e encostou-se. A rapariga ficou immovel.

Era o guarda civil, um homem dos seus 60 annos, pera e bigode grisalhos. Typo militar, ar severo, que não excluia certo tom de bondade nas feições.

Tomando a rapariga por uma vadia, e muito admirado de não a ter visto esgueirar-se á sua approximação, dirigiu-lhe, em tom aspero, este amavel convite:

—Um de nós é aqui a mais. Estou de serviço e não posso consentir você ao pé de mim, sem a prender immediatamente.

A pequena não disse uma palavra, nem sequer olhou para o policia. Saltou logo para o meio da rua e conchegando as falripas do chale ao corpinho, dispoz-se para seguir. Chovia a cantaros, e fazia dó ver a saia pregada aos seus quadris ossudos e ás pernas esguias.

O policia, fazendo um esforço violento entre a caridade e a disciplina, fez involuntariamente um movimento, como de quem quer agarrar outrem, e gritou para a rapariga:

—Oh! pequena, vem cá!

A pequena, com a mesma impassibilidade com que se havia afastado, approximou-se. O policia fel-a subir o degrau e disse-lhe:

—Tu és vadia ..

—Não senhor.

—Escusas de negar.

Silencio da parte da pequena.

—Então, onde moras?

—Em parte nenhuma.

-- Oh! oh! Eu logo vi...

E accrescentou.

—Não tens ninguem?

—Tinha minha avó, que morreu esta manhã, de repente.

—E o que fazia ella?

—Pedia esmola. Era a cega d'Alfama.

—Ah! Bem sei. E... agora?

A rapariga comprehendeu o pensamento do policia, porque respondeu:

—Era ella quem tinha o dinheiro. Era ella quem pagava a cama á noite. Agora... como não tenho nada, heide dormir na rua.

—E emquanto a munições de bocca?

—Cruzes!...

A grande precisão d'estas respostas, impressionou vivamente o policia. Havia ali uma intelligencia a cultivar; talvez um coração d'oiro, sob aquelles hediondos farrapos. E calou-se por um momento, emquanto a chuva caia monotona. Pensou que tinha sido soldado; depois, da reserva; depois, guarda do corpo da policia, onde se achava ha vinte annos; e tudo isto sempre solteiro, vivendo como um urso solitario. Ouvia dizer em torno a si, aos casados, que a vida do solteirão é o paraizo. Quanto se enganavam! Elle, pelo menos, nunca encontrára senão o embuste nas ligações furtivas de burguezas cheias de vicio, e de sopeiras á cata de aventuras. Amor legitimo, que vem de dentro do coração e se transforma na amizade e dedicação quando o inverno da vida ataca o organismo, nunca o conhecera. Estava agora velho, é claro, para fazer de D. Juan—seria ridiculo; mas estava muito bem conservado ainda para fazer de pae. Se elle adoptasse aquella pequena! Se sahisse da negligencia do quarto alugado e puzesse casa sua? Hein!...

E sorria-se o bom homem, sob o seu *water-proof*, onde os pingos d'agua resoavam. De subito, voltou-se para a rapariga e disse-lhe:

—Já comeste hoje?

—Não senhor.

—Coitada!

A rapariga olhou-o de soslaio, pela primeira vez.

—Toma lá dois tostões. Vae ceiar, paga a cama esta noite, e ámanhã ao meio dia vae ter commigo á rua dos Calafates, n.º... Veremos o que se faz de ti.

A pequena estendeu muito depressa a mão, e sentindo na palma o frio metallico do dinheiro, fechou-a convulsamente,

murmurando um: *Muito obrigado,* e desappareceu na escuridão da rua, como um animal bravio.

*
* *

No dia seguinte, o velho policia fazia apromptar na mesma casa onde tinha um quarto alugado, uma pequena alcova para a pequena. Comprava-lhe uma caminha de ferro toda *chic* e alguma roupita n'uma adela. Sapatos, meias, argolas d'oiro—uma sumptuosidade.

A pequena estava espantada de tanta munificencia. A dona, radiante. Já tinha com quem palrar e a quem impingir as suas historietas do *ancien-régime.*

O policia tomou então, sobre si, uma tarefa colossal: ensinar a ler a pequena. A intelligencia d'ella era clara, penetrante. Sabia as coisas por intuição, percebia as explicações pelo ar. A pobre tinha visto tanto, em tantas ruas, villas e cidades, que sabia de tudo um pouco. Tinha o talento bohemio, o mais espontaneo e artistico. Morria pelas artes liberaes. Promettessem leval-a ao theatro, e faria tudo o que quizessem.

Os doze annos de infancia aventureira, tinham-lhe de tal modo impressionado o cerebro, os olhos luminosos e pretos, haviam-se acostumado de tal arte á extensão das avenidas e dos campos, que a Julia (como se chamava a rapariga) não podia tornar-se uma mulher sedentaria. Precisava da vida irregular para existir e desenvolver-se. Adoptou o theatro. O policia resistiu ao principio, mas viu-lhe tal decisão d'animo que receiou seriamente que a Julia tornasse á vida airada. Por empenho do governador civil, entrou a pequena para um theatro principal de Lisboa, como discipula, ao mesmo tempo que se matriculava no conservatorio.

A vivacidade extraordinaria, a figurinha angulosa e delicada, a voz argentina, o arrogante desembaraço, surprehendiam os professores e faziam as delicias dos seus condiscipulos.

—Está-se fazendo ali uma actriz d'estalo! dizia sentenciosamente o porteiro do conservatorio, a quem ella recitava *couplets* e tiradas de babar de riso.

Quando o talento natural predomina no individuo, acima dos conhecimentos adquiridos e da fria e rectilinea normalidade da escola, é quasi sempre o acaso que se encarrega de lhe ministrar o momento feliz em que deva pôr-se em evidencia. Foi o que succedeu á Julia

Um dia, foi traduzida para uma das nossas scenas uma peça muito em voga em Paris, e de que a difficuldade maxima era encontrar quem desempenhasse o papel de uma mendiga de 10 a 12 annos, em todo o realismo. Exigiam-se condições que nenhuma das nossas actrizes podia satisfazer.

N'estes apertos, estava para ser alterado o papel, quando a Julia, que a este tempo contava já 15 annos de edade, correu a casa do emprezario, e offereceu-se para fazer o famoso papel de mendiga. A unica condição que impunha era ser escripturada como actriz dramatica, não lhe importava o preço.

O emprezario hesitou e foi consultar varios sujeitos calvos, de grandes oculos defumados, que passavam entre os bastidores e nas mesas dos botequins, por grandes entendedores de theatro.

Felizmente para Julia, estes criticos de portas a dentro conheciam-na e deram boas informações.

Subiu a peça á scena e subiu a curiosidade de ponto quando se soube que o principal papel era a estreia de uma principiante. Decididamente o emprezario estava doido.

Calcule-se agora o espanto da sala, quando vio apparecer no palco uma verdadeira mendiga, tão esfarrapada, tão franzina, olhar desconfiado e matreiro, canellas e pés nús, vermelhos pela geada, vendo-se pelos rasgões do vestido o corpo desengonçado; finalmente a verdadeira vadia das ruas, tal qual o policia a encontrara n'aquella noite de chuva, e com o mesmo fato, religiosamente guardado por ella.

Era tão assombrosa de verdade, a debutante, que não parecia ter mais de dez annos. As lagrimas corriam pelas faces de muitos espectadores, quando ella, tiritando de frio, estendia a mão descarnada e suja de lama, pedindo uma esmola, com o olhar fixo, doloroso, fatal, da pessoa que vae morrer de fome.

Os applausos rebentavam estrondosos, os homens erguiam-se de pé, n'um arranco de furor enthusiastico; as senhoras, retirando os lenços dos olhos, acenavam com elles ainda quentes de lagrimas.

*
* *

Apenas descido o panno, foi a juvenil actriz proclamada, por unanimidade, astro de primeira grandeza. Sujeitos calvos e barrigudos, voaram ao seu camarim, a depor-lhe aos pés os seus adjectivos, formosos como azas de colibris. *Reporters* raivosos de sensação e atacados de reclamomania, enchiam freneticamente *linguados* do comprimento de flamulas.

Havia gente que batia com a cabeça pelas paredes, á cata do professor, ensaiador, mestre ou o diabo, que produzira aquelle prodigio scenico. Faltava este reclamo importante na biographia d'ella.

Todos os photographos da calçada do Duque e rampas concomitantes, esbugalhavam muito os olhos, quando lhes pediam o retrato da actriz para illustrar os jornaes.

Ella nunca tirara o retrato!

Oh! raio!...

Houve monoculos que saltaram de narizes aristocraticos, quando tal se soube.

A primeira photographia de Julia, vestida de mendiga, fez a independencia do retratista.

Em breve, tornou-se uma celebridade. Entre os seus triumphos, conta-se o de um visconde, que lhe offereceu um dia o seu titulo. A grande actriz respondeu:

—Prefiro ser uma das primeiras actrizes portuguezas, a ser uma das ultimas fidalgas do meu paiz.

Aprendera esta philosophia na escola da desgraça.

José Maria da Costa.

CASA DA CAMARA, EM FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica

Typographia do «Diario Illustrado», Travessa da Queimada, 35, Lisboa

8044